

ISEG – Instituto Superior de Economia e Gestão
Mestrado em Economia Internacional e Estudo Europeus

Cleófas Adriano Miranda Cardoso

Os principais produtos dos BRIC com Vantagens Comparativas, seu crescimento e importância na economia internacional.

Artigo apresentado ao ISEG, como requisito para obtenção de Grau em Mestre em Economia Internacional e Estudos europeus, sob orientação do Prof. Horácio Faustino.

Índice de conteúdos

Introdução.....	3
Nota Metodológica.....	5
Princípio da vantagem comparativa e a sua análise segundo David Ricardo	6
O surgimento do termo BRIC.....	7
Os principais produtos dos BRIC com Vantagem Comparativa	12
Considerações Finais.....	17
Gráficos e Tabelas.....	20
Bibliografia.....	25
Anexos.....	27

Introdução

Em 2001 o relatório intitulado *Building Better Global Economic Brics*, elaborado pelo Goldman Sachs, criou o acrônimo BRIC, formado pelo Brasil, Rússia, Índia e China, que possivelmente poderiam criar um novo bloco econômico. Este termo foi criado pelo economista Jim O'Neil para caracterizar países com grande potencial econômico a ser desenvolvido ao longo prazo. Sua criação, ocorreu pela necessidade de estudar suas economias, pois sua perspectiva é de que juntas, superarem até 2050 as economias do G6 (EUA, Japão, Alemanha, França, Reino Unido e Itália).

De acordo com o estudo, o grupo terá mais de 40% da população mundial, quase 15% do PIB, além de 50% de contribuição à economia global. Diante desses fatores, essas economias superariam as do G6.

Estas especulações fizeram com que os BRIC se tornassem alvo de grandes investimentos estrangeiros, aumentando a sua importância e representatividade na economia internacional.

Apesar do grupo não oficializar a criação do bloco, estes países já realizaram encontros, onde pediram mudanças no Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU), com vistas a aumentar sua representatividade na Instituição, bem como no Fundo Monetário Internacional (FMI) e Banco Mundial.

Com a crise instalada em 2009, os BRIC demonstraram sua força, onde resistiram bem e acabaram saindo mais fortes do que antes, aumentando a sua contribuição com a economia mundial. Após isso Jim O'Neill mudou o termo "Mercado emergentes" para "Mercados em crescimento" por acreditar nas mudanças que estavam ocorrendo na economia mundial para a próxima década.

Este artigo busca ainda, calcular os dez principais produtos exportados desses países no período de 1996 a 2008, com o *Índice de Vantagem Comparativa Revelada*, proposto pelo economista húngaro Bela Balassa (1965), que aprimorou o Princípio da Vantagem Comparativa elaborado por David Ricardo (1817), que argumentava que o comércio internacional poderia beneficiar dois países, mesmo que um deles produzisse todos os produtos de forma mais eficiente, um país não precisa de ter uma *vantagem absoluta* na produção de um determinado produto. Pois dois países poderiam beneficiar-se do comércio mútuo se cada um tivesse uma *vantagem comparativa* na produção de qualquer produto.

Porém nesta teoria, ficava difícil mensurar quais variáveis poderiam alterar os custos de produção. Diante desta dificuldade, Balassa entendeu que o desempenho de um país no comércio internacional é reflexo das suas assimetrias de custos relativos de produção – independentemente de como tais custos são formados.

Os estudos a respeito dos BRIC continuam em evidência e suas perspectivas de crescimento são evidentes. Constatamos isso ao analisarmos que o grupo poderá superar as projeções de crescimento antes do previsto e a criação deste bloco já é esperada ao médio prazo por especialistas.

Estes países possuem modelos de desenvolvimentos completamente distintos, o que gerou dúvidas a respeito se eles continuariam a manter as taxas de crescimento de antes, porém mesmo com a crise instalada em 2008, estes países demonstraram sua força e mostraram ao mundo que pode surgir uma nova ordem na economia mundial nas próximas décadas.

Nota Metodológica

O presente artigo busca identificar os principais produtos com Vantagem Comparativa do BRIC no período de doze anos, entre 1996 (cinco anos antes da criação do termo BRIC), até 2008 (um ano antes da propagação da crise mundial). Como fonte foi utilizada dados da UNCTAD que nos oferece dados anuais dos valores e produtos exportados e importados de cada país, possibilitando o cálculo do respectivo índice, indicando se o país possui ou não vantagem comparativa na exportação de determinado produto e dados do *World Development Indicators (WDI)*. Constatamos que o país tem uma vantagem comparativa com determinado produto em relação à economia mundial, quando $VCR > 1$.

Levando em consideração estes fatores, neste artigo iremos utilizar o IVCR - *Índice de Vantagem Comparativa Revelada*, proposto pelo economista húngaro Béla Belassa, que defende que: “Um país não pode ser considerado como detentor de vantagens comparativas no comércio de um determinado produto quando o IVCR apresentar valores inferiores a 1” - batizado na lei Vantagens Comparadas formulada por David Ricardo, em 1817 com o intuito de classificar os 10 principais produtos dos BRIC que possuem esta vantagem no período indicado.

Além disso, o artigo busca realizar uma explanação do crescimento e importância desses países na economia mundial, uma vez que os estudos desses países é crescente (assim como sua importância). Com base nos estudos realizados, apresentaremos o surgimento deste acrônimo, os fatores que levaram à sua criação¹, suas principais características e perspectivas de suas economias.

¹ É importante ressaltar que a criação deste acrônimo foi realizada pelo economista Jim O'Neil do instituto Goldman Sachs, portanto, não há oficialmente a criação deste bloco entre os países.

Princípio da vantagem comparativa e a sua análise segundo David Ricardo

David Ricardo exerceu uma grande influência tanto sobre os economistas neoclássicos, como sobre os economistas marxistas, o que revela sua importância para o desenvolvimento da ciência econômica.

Ricardo foi o primeiro economista a argumentar que o comércio internacional poderia beneficiar dois países, mesmo que um deles produzisse todos os produtos de forma mais eficiente, um país não precisa de ter uma *vantagem absoluta* na produção de um determinado produto. Pois dois países poderiam beneficiar-se do comércio mútuo se cada um tivesse uma *vantagem comparativa* na produção de qualquer produto. David Ricardo explica a sua teoria usando um exemplo envolvendo Portugal e Inglaterra e apenas dois bens, vinho e tecido; decidiu medir todos os custos relativos de produção, expressos em horas de trabalho.

A partir deste estudo, Ricardo provou que cada país seria beneficiado caso se especializassem no produto onde detém maior vantagem comparativa, o produto total global de cada bem aumenta, melhorando a situação de todos os países envolvidos nas trocas internacionais, pois menores seriam os custos de produção, os salários de subsistência dos trabalhadores e em consequência os lucros seriam os maiores possíveis.

Essa teoria ficou conhecida pelos economistas como *Vantagem Comparativa*, que constitui a base essencial da Teoria do Comércio Internacional.

Porém, no decorrer dos anos, esta teoria foi sendo constantemente questionada por alguns economistas, por alegarem que ela não levava em consideração outras questões, como os custos de transportes e ganhos de escala.

Se os custos de oportunidade relativos de produção são afetados por diversas e complexas variáveis e podem ser alterados de maneira dinâmica, a mensuração dos níveis de vantagem comparativa de cada país deve ser considerada um desafio. Diante desta dificuldade, Balassa (1965) apresentou uma solução que até hoje é largamente utilizada. Assumindo a inviabilidade de quantificar todos os fatores capazes de afetar a competitividade de uma economia, o economista húngaro entendeu que o desempenho de um país no comércio internacional é reflexo das suas assimetrias de custos relativos de produção – independentemente de como tais custos são formados – e que, portanto, revela suas vantagens comparativas. De acordo com o próprio autor:

“At any rate, the lack of consideration given to interindustry differences in capital costs and non-price variables have often suffered neglect in theoretical discussions and in empirical studies, although quality differences, goodwill, servicing, the existence of repair facilities, and differences in weights and measures all bear influence on the pattern of international trade (...) But is it necessary to explicitly take account of all influences that determine comparative advantage? This would be a rather laborious exercise and, in view of the difficulties of assigning numerical values to these variables, it might bring disappointing results. Instead (...) it appears sufficient to provide information on ‘revealed’ comparative advantage.

It is suggested here that ‘revealed’ comparative advantage can be indicated by the trade performance of individual countries (...)” (BALASSA, 1965, p. 102-103).

O índice de Balassa segue uma distribuição assimétrica com um limite inferior de 0 (zero) e um limite superior variável. O IVCR é calculado da seguinte forma:

$$IVCR_j = \frac{\frac{X_{ij}}{X_i}}{\frac{X_{wj}}{X_w}}$$

Onde X_{ij} corresponde ao valor das exportações do país do produto j , X_i ao valor total das exportações do país, X_{wj} ao valor total das exportações mundiais do produto j e X_w ao valor total das exportações mundiais. Se o $IVCR_j$ é superior a 1, o país possui vantagem comparativa revelada para as exportações do produto j , ou seja, esse país encontra-se relativamente especializado na exportação desse bem. Por outro lado, se o $IVCR_j$ é inferior a 1, o país possui desvantagem comparativa revelada para a exportação do produto j .

O surgimento do termo BRIC

Nos últimos anos está sendo frequentemente utilizado o acrônimo BRIC em referencia aos países emergentes: Brasil, Rússia, Índia e China, que nos últimos anos apresentaram grande destaque internacional, e que possivelmente poderiam criar um bloco econômico. Este termo foi criado pelo economista Jim O’Neil do instituto Goldman Sachs para caracterizar países *com grande potencial econômico a ser desenvolvido ao longo prazo. Sua criação, ocorreu pela necessidade de estudar suas economias, pois sua perspectiva é de que juntas, superarem até 2050 as economias do G6 (EUA, Japão, Alemanha, França, Reino Unido e Itália).*

Contudo, apesar de existirem diversos estudos a respeito desses países, não podemos deixar de lembrar que essas economias são completamente distintas, sejam elas nos fatores históricos, políticos, econômicos, social e militar.

O relatório intitulado *Building Better Global Economic Brics*, elaborado pelo Goldman Sachs, mapeou as economias desses quatro países emergentes até 2050, a partir de projeções demográficas e modelos de acumulação de capital e crescimento de produtividade.

De acordo com o estudo, o grupo poderá ter 42% da população mundial e um Produto Interno Bruto (PIB) de mais de US\$ 85 trilhões (14,6%), bem como 12,8% do valor de comércio e 50% de contribuição à economia global. Com base nesta análise, avaliou-se a possibilidade da economia desses países superarem as do G6.

Porém, a tabela 1 demonstra que já em 2008, estes países representam 42% da população mundial. Temos que levar em consideração que a densidade demográfica é bastante variada, uma vez que somente China e Índia representam juntas aproximadamente 37% dessa população.

Tabela 1 – População em 2008 (em milhões de habitantes)

Brasil	192	2,9
Rússia	142	2,1
Índia	1140	17,0
China	1326	19,8
BRIC TOTAL	2800	41,8

Fonte: Elaboração própria com base no dados do World Development Indicators (WDI)

Com isso os BRIC vêm se tornando cada vez mais objetos de investimentos estrangeiros e de especulações do mercado, uma vez que cada um desses países enfrentam desafios distintos para conseguirem manter suas taxas de crescimento econômico. Diante desses modelos econômicos distintos e especulações, surgiram previsões de que os BRIC não conseguiriam superar o G6, mas é evidente sua influência nas decisões no cenário econômico mundial.

Isso ficou evidente na reunião da OMC em 2005, onde na ocasião os BRICs uniram-se a países subdesenvolvidos para impor a retirada dos subsídios governamentais pela União Europeia e pelos Estados Unidos, assim como na redução das tarifas de importação.

Um segundo encontro ocorreu em junho de 2009 onde na ocasião, o então Presidente da República Federativa do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva reuniu-se com os demais representantes dos BRICs em Yekaterinburgo, Rússia. No encontro, os chefes de Estado decidiram cooperar de forma mais intensiva para enfrentar a crise financeira internacional e impulsionar a recuperação da economia mundial.

Estes países voltaram a se encontrar em 2011 em Sanya, China (Foto 1), onde a atual presidente do Brasil Dilma Rousseff e os representantes dos cinco países¹ pediram mudanças no Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU), com vistas a aumentar sua representatividade na Instituição, bem como no Fundo Monetário Internacional (FMI) e Banco Mundial.

Novos estudos realizados no final de 2009 nos mostram que com o crescimento da China, já em 2027 ela se tornaria tão grande quanto os EUA (perspectiva em menos de 18 anos). Além disso, os BRIC poderão se tornar maiores do que o G7 já em 2032, cerca de sete anos antes do que as pesquisas iniciais demonstravam.

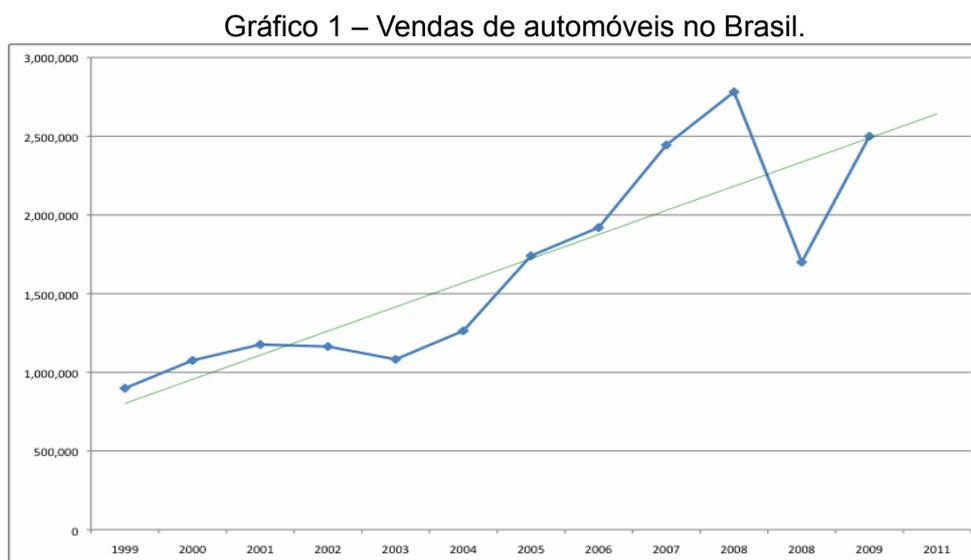
Entre 2000 e 2008, os BRICs contribuíram com quase 30% para o crescimento global em termos de dólares dos Estados Unidos, em comparação com cerca de 16% na década anterior. Ao mesmo tempo em que o G7 diminuiu sua contribuição, que caiu em mais de 70% na década de 1990 para apenas 40% em média, durante a década atual.

Além disso, o comércio mundial desses países continuou subindo nos últimos anos, pois dados de 2009 mostram que sua participação, estava em 13%, quase 2ppt maior do que em 2007. Somente a China era responsável por quase dois terços da participação dos BRIC.

Desde o início da crise financeira em 2007, cerca de 45% do crescimento global vem dos BRICs, acima dos 24% nos primeiros seis anos da década. Projeções de longo prazo sugerem que os BRICs poderiam ser responsáveis por quase 50% dos mercados acionários globais em 2050 e provavelmente estas economias irão responder por mais de 70% do crescimento global de vendas de automóveis na década seguinte (somente a China, espera-se por quase 42% desse aumento).

¹ O BRIC passou a contar formalmente com a participação da África do Sul no dia 14 de abril de 2011, classificado como o 12º maior país emergente do mundo. Com a adesão da África do Sul, o grupo passou a ser denominado BRICS (sendo a letra S referente à South Africa).

Isso já é evidente, se levarmos em consideração o crescimento do setor automobilístico desses países nos últimos anos, pois em janeiro de 2009, as vendas de carros aumentaram cerca de 92% no Brasil (temos que levar em consideração que este aumento só foi possível, graças à queda em torno de 50% nos meses anteriores, devido a crise de 2008), porém isso demonstra uma rápida recuperação do setor. O gráfico 1, demonstra o forte crescimento em vendas.



Fonte: *Anfavea*

Outro fator onde podemos constatar esse crescimento, é a instalação da 1ª fábrica da BMW no país. Em Outubro de 2012, a montadora alemã anunciou oficialmente que em 2013 iniciam-se as obras da fábrica no Brasil (Foto 2). Segundo o vice-presidente da BMW Ian Robertson o objetivo da marca é triplicar as vendas e consolidar sua liderança no mercado de luxo do país.

Segundo projeções da Goldman Sachs, em 2050 a Índia terá uma penetração de 490 veículos por mil pessoas. Com isso, poderia se tornar o maior mercado de automóveis entre os BRIC.

Com todos esses fatores, esta força de crescimento, pode ser notados se levarmos em consideração a crise mundial instalada em 2009, onde estes países resistiram bem e acabaram saindo mais fortes do que antes, com isso, sua contribuição para a economia mundial aumentou desde então. Além disso, é provável que que isso continue no curto, médio e longo prazo.

No início de 2011, o Jim O'Neill decidiu mudar o termo “Mercados Emergentes” e passou a direcionar-se aos BRIC como “Mercados em Crescimento”, por acreditar que uma transformação significativa da economia global estava em curso. Economias de mercado de crescimento, que seriam o motor da economia mundial na próxima década.

Os países que formam o BRIC têm em comum muito mais do que características geo-demográficas como: extensos territórios e grandes populações. Nos últimos anos, eles têm se destacado nos mais diversos setores da economia mundial, além de apresentarem taxas de crescimento exponenciais. Esses países passaram a ser considerados não só como “países em desenvolvimento”, mas como de candidatos a desempenharem um papel importante no atual cenário mundial.

Tratando-se de Comércio Internacional, os países do BRIC demonstraram significativo aumento em suas exportações, o que possibilitou aumento do superávit em sua balança de pagamentos e crescimento de suas economias.

Neste contexto, Brasil e Rússia seriam os maiores fornecedores de matérias-prima, onde o Brasil seria o grande produtor de alimentos e a Rússia de petróleo; enquanto que Índia e China possuem grandes concentrações de mão de obra e tecnologia, fato que faz com que os serviços e produtos manufaturados sejam produzidos por eles. Podemos constatar essas informações na tabela 2.

Tabela 2 – Os BRICs e seus principais produtos exportados.

BRIC	Brasil	Rússia	Índia	China
Principais produtos exportados	Minério de ferro, ferro fundido, aço, óleos brutos de petróleo, soja e derivados, automóveis, açúcar de cana, aviões, carne bovina, café e carne de frango.	Combustíveis, óleo, ferro, aço, madeira, carvão, níquel, alumínio e máquinas.	Mercadorias têxteis, pedras preciosas e joias, bens de engenharia, produtos químicos e manufaturas de couro.	Máquinas, aparelhos, material elétrico, vestuário e acessórios, ferro e aço.

Dados: FMI e da Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior (Funcex).

O comércio entre as nações está cada vez mais dinâmico e o fluxo do comércio mundial tende a aumentar. No período de 1996 a 2008 houve um expressivo crescimento nas transações globais (que quase dobrou), mesmo assim Brasil, Rússia Índia e China ultrapassaram esses valores, demonstrando a sua importância no cenário mundial, conforme demonstra o gráfico 2.

O Brasil apresenta Vantagem Comparativa em produtos intensivos, em recursos naturais, primários e agropecuários (neste último, a vantagem é crescente). A Rússia possui como principal Vantagem Comparativa no comércio de primários minerais (muito acima dos demais). A Índia por sua vez, em produtos intensivos de trabalho, além de apresentar crescimento de bens intensivos de recursos naturais. A China permanece com Vantagem Comparativa em produtos intensivos de mão-de-obra, além de apresentar elevada competitividade em bens intensivos em tecnologia.

Do ponto de vista econômico esses países possuem modelos de desenvolvimentos completamente distintos, dos quais podemos destacar:

- O Brasil se caracteriza como uma economia com elevada participação do consumo e mercado doméstico forte;
- A Rússia tem seu desenvolvimento baseado nas vendas externas de *commodities* energéticas;
- A Índia capitalizou um *boom* das exportações de serviços para ceder a taxas elevadas e tem aumentado sua competitividade em diversos setores;
- O desenvolvimento chinês é dirigido pelas exportações de manufaturas e por elevadas taxas de investimento e o mercado consumidor interno está se expandindo rapidamente.

Os principais produtos dos BRIC com Vantagem Comparativa

Realizando uma análise sobre os principais produtos com IVCR dos BRICs, podemos constatar que estes países inserem-se no mercado internacional de forma distinta, graças aos seus diferentes modelos de desenvolvimento.

Podemos identificar os diferentes padrões de especialização comercial de cada um deles, avaliando a competitividade que cada um possui nas vendas de cada produto.

Os dez bens com maiores Índices de Vantagem Comparativa Revelada (IVCR) em cada país mostram que:

- O Brasil destacou-se essencialmente em bens primários, agropecuários e bens intensivos em recursos naturais. No primeiro, os produtos a base de óleo de semente, tabaco, ração animal e carne, foram destaque. No segundo, o minério de ferro, o açúcar o suco/frutas foram notáveis. Os demais produtos da tabela (lingotes e ferro gusa) são considerados produtos intensivos em escala, pois requerem grandes aportes de investimentos capazes de subsidiar os enormes custos fixos da empresa entrante;
- A China apresentou grandes vantagens em produtos intensivos em trabalho. Como destaque, é possível citar os artigos têxteis, de vestuário e bagagens. Ao contrário do Brasil, existe um único bem primário agropecuario (seda) entre os dez maiores IVCR. Já o coque (produto derivado do carvão) é o único produto do ranking classificado como um bem intensivo em recursos naturais. Por último devemos dar importância à presença de um produto considerado intensivo em tecnologia (instrumentos óticos) dentre os produtos em que a China possui elevado IVCR;
- A Índia por sua vez, apresentou razoável concentração de itens considerados de menor sofisticação tecnológica (três primários agropecuários e um primário mineral). Certamente arroz, chá, especiarias indianas, são produtos tradicionais e com grande produção local. Existem ainda, entre os dez maiores IVCR, dois produtos classificados como intensivos em recursos naturais – em destaque para o minério de ferro, cuja produção na Índia também tem aumentado. Artigos têxteis (intensivo em mão de obra) e artigos de joalheria (pedras preciosas e pérolas, ouro e jóias);
- No caso da Rússia, devemos destacar a elevada competitividade em diversos produtos primários minerais. Observa-se um IVCR elevado em níquel, gás natural, enxofre e petróleo. Além de produtos intensivos em escala como ferro gusa, lingotes e fertilizantes e intensivos em recursos naturais.

Analisando os gráficos de 3 a 7, podemos constatar uma classificação mais agregada de certos produtos, com isso podemos caracterizar melhor a especialização de exportação de cada país. Os gráficos permitem analisar a evolução da competitividade entre os países, pois apresentam o IVCR no período em análise.

Com isso, constatamos que:

- A China possui como principal produto com vantagem comparativa, intensivos em tecnologia, pois desde 1996 sua vantagem já era expressiva diante dos demais países, ainda sim, demonstrou grande crescimento neste índice, o que lhe consolidou no mercado internacional em tecnologia.
- China e Índia possuem grande vantagem comparativa em produtos intensivos em trabalho. Mesmo os dois países apresentando uma ligeira queda no período de 2000 – 2004, ainda assim, sua vantagem continua sendo muito superior aos demais países do grupo. Demonstra ainda, que após esse período, houve queda neste índice na Índia e crescimento por parte da China, tornando-a o país com maior índice em trabalho. É evidente que esta grande competitividade em mão de obra nestes países, deve-se pelas grandes populações que possuem e ao baixo custo dos mesmos.
- A partir de 1999, a Rússia apresentou ligeiro crescimento de intensivos em recursos naturais, porém a Índia apresentou grande evolução neste índice, (onde possuía o menor) e passou a ocupar lugar de destaque, ficando próximo ao Brasil (maior exportador neste índice entre os BRIC). O único país que apresentou queda acumulada foi a China.
- Desde 1996 o Brasil já apresentava maior índice em produtos primários agropecuários, ainda assim, demonstrou evolução até 2008 mantendo sua posição de destaque entre os BRIC. Além disso, os demais países apresentaram queda deste índice no mesmo período.
- Apesar de apresentar queda no período, a Rússia é o país que possui a maior competitividade em produtos primários minerais (com grande vantagem em relação aos demais). Os outros países não apresentaram grandes alterações ou evolução neste bem.

Em entrevista dada à Revista AMANHÃ, em Março de 2012 o Diretor do grupo ratings soberanos da Standard & Poor's, *Sebastian Briozzo* (Foto 4), que acompanha de perto os fundamentos da economia brasileira e tem uma visão alentadora sobre a solidez do Brasil para atravessar a crise europeia. Briozzo afirmou que: *“O Brasil tem uma vantagem comparativa em relação a outros países”*.

Segundo ele, *“A grande fortaleza do Brasil, em comparação com a maior parte dos países emergentes, é a estabilidade. O Brasil tem desenvolvido uma ancoragem bem forte com seu marco político institucional. É uma democracia bem consolidada, que já teve transição de partidos políticos no governo – desde partidos de centro para partidos de centro-esquerda – sem maiores impactos econômicos.*

Quando a gente compara essa estabilidade institucional política com a de países que não são democracias (como a China), ou que são democracias, mas que têm uma estrutura de etnias muito diferentes, com problemas sociais e políticos (como a Índia), ou onde o nível de transparência democrática é muito baixa (como a Rússia), os riscos são maiores. Esse fator é fundamental quanto às comparações positivas pro Brasil.”

Com relação aos pontos fracos, o Brasil talvez seja “estável demais”, em termos econômicos. *“Apesar de possuir uma estrutura econômica diversificada, o Brasil não cresce tanto quando comparado com os outros países que citei. A estimativa é que o crescimento per capita do Brasil em dez anos, entre 2005 e 2014, seja perto de 3% ao ano – enquanto um país como o Peru chega perto de 5%, e a Índia perto de 7%, e na China é quase 9%. Este é um desafio para o Brasil daqui pra frente: como alcançar taxas de crescimento mais altas.”*

Com isso, uma possível alternativa para acelerar o crescimento do Brasil seria o aumento no nível de investimento, pois para ele: *“No Brasil, a relação investimento/PIB é bastante inferior à dos países mencionados. O Brasil investe quase 20% do PIB total, enquanto a Índia chega perto de 35% e a China, mais de 50%. Então aí estão fatores bem estruturais. Um deles é que o setor público não investe o suficiente, apesar de ser muito importante para a economia. Outro fator é a taxa de juros, que continua a ser muito alta. Esses fatores levam tempo para mudar, mas são muito importantes.”*

Mas há quem defenda que as *commodities* seriam os principais produtos do Brasil com vantagens comparativas (foto 5). Segundo o economista Everaldo Leite, a economia brasileira estagnou, com isso o nosso desempenho seria o pior entre os BRICs. *“Mesmo com a queda resolvida da taxa básica de juros, mesmo com o protecionismo cínico à indústria, mesmo com a administração cambial duvidosa, mesmo com a expansão estouvada dos gastos públicos, mesmo com o aumento do estoque de crédito, a juros mais populares, mesmo com a presidente Dilma suplicando por um suposto “espírito animal” dos empreendedores brasileiros, os setores produtivos continuam a realizar previsões pouco generosas para a taxa de crescimento do PIB em 2012.*

Para piorar, a produtividade é baixa, a inovação é quase nula e a competitividade está à beira de um colapso por causa de problemas estruturais que o país sabe bem quais são, mas definitivamente não consegue resolver. Portanto, passou da hora de o governo federal retroceder em suas convicções românticas de esquerda antediluviana e buscar o entendimento padrão das economias sensatas.”

O princípio da vantagem comparativa demonstra que países se especializam naquilo que são relativamente mais eficientes, o que os faz crescer sustentavelmente ao longo do tempo tendo o comércio exterior como um dos seus pilares principais. No Brasil a vantagem comparativa se encontra inevitavelmente na produção e transação de *commodities*. Podemos verificar isto, se levarmos em consideração os últimos 12 anos em que o Brasil acumulou US\$ 488,2 bilhões em reservas cambiais, exclusivamente com exportações do agronegócio, que compreende também diversos produtos de alto valor agregado e cuja produção é intensiva em biotecnologia, com isso, podemos acreditar que a boa situação fiscal do país e a baixa vulnerabilidade externa, se devem atualmente ao bom desempenho produtivo dos exportadores de *commodities*.

Considerações Finais

As crises internacionais normalmente geram uma nova direção na economia mundial, porém antes mesmo da crise perpetuar-se em 2009, os países que formam os BRIC já demonstravam sua força e sinais de que poderiam atravessá-la sem enormes recessões, como foi o caso dos países desenvolvidos.

Cada um dos BRIC possuem modelos de desenvolvimentos e características distintas, porém a possível unificação em um novo Bloco Econômico faria com que houvesse uma grande ligação entre eles, cada qual, com grande potência em determinados produtos exportados.

Analisando o desenvolvimento do Brasil, constatamos que o comércio de bens continua gerando grandes riquezas ao país, assim como a grande produção de matéria-prima, alimentos, recursos naturais primários e agropecuários .

A sua economia é caracterizada com elevada participação do consumo mercado doméstico forte.

A Rússia possui como principal característica a produção e exportação de derivados energéticos (primários minerais), o que faz com ela exerça papel fundamental no comércio internacional.

A Índia, apesar de possuir a menor renda *per capita* entre os BRIC, pode tornar-se o motor da economia mundial das próximas décadas, se cumprir o seu verdadeiro potencial de crescimento. Nos últimos anos, apresentou expressivo crescimento de intensivos em recursos naturais, crescimento dos serviços informáticos, além da grande disponibilidade de mão de obra (onde a exportação dessa mão de obra foi fundamental para o crescimento em taxas elevadas) e apresentar crescimento de bens intensivos de recursos naturais.

A grande representatividade do grupo é sem dúvida a China, que apresentou nos últimos anos taxas de crescimento exponenciais, além de elevados índices de exportações nos setores industriais e de tecnologia (o seu grande desenvolvimento é ligado às exportações de manufaturas), elevados índices de mão de obra e elevada competitividade em bens intensivos em tecnologia, sem contar na grande expansão que ocorre em seu mercado consumidor interno.

A globalização das economias e a estabilidade política, social e econômica dos BRIC sem dúvida foram fatores que contribuíram muito para que estes países alcançassem altas taxas de crescimento, pois nos últimos anos, estes países apresentaram taxas de transações superiores aos da média mundial.

O aumento de suas populações, juntamente com a melhoria do poder de compra, contribuíram para o aumento do consumo interno e respectivamente da produção industrial, logo cada país aprimorou-se nos produtos em que detinham vantagem comparativa, o que aumentou suas exportações.

Neste contexto, Brasil e Rússia seriam os grandes fornecedores de matérias-primas, onde o Brasil seria o grande produtor de alimentos e a Rússia de petróleo; enquanto que Índia e China possuem grandes concentrações de mão de obra e tecnologia, fato que faz com que os serviços e produtos manufaturados sejam produzidos por eles.

Apesar de não ser oficialmente um Bloco Econômico, os BRIC reforçaram esta ideia com os três encontros de seus representantes ocorridos nos últimos anos. Seu crescimento é iminente e novos estudos apontam que alcançarão as previsões antes do previsto.

A dinâmica do comércio está cada vez mais rápida e os países aumentam os seus fluxos de forma exponencial. Além dos BRIC representarem a possível “grande força” econômica das próximas décadas sua posição e importância já se faz presente desde os dias atuais.

Uma possível aliança entre estes países sem dúvida, iria gerar grandes benefícios entre eles, uma vez que as suas economias estão em pleno desenvolvimento e necessitam ainda mais de expansão. O seu fortalecimento seria visível quando cada um dos países participassem com os bens que possuem em maior abundância. Uns com a tecnologia e mão de obra e outros com recursos energéticos e matérias-primas.

Outra evidência de sua importância, partiu da UE que começa a estabelecer novas políticas externas com os BRIC, onde poderá colocar estes países ao mesmo nível de prioridade política e econômica que Estados Unidos e Japão hoje desfrutam com Bruxelas. O Comitê de Relações Exteriores do Parlamento Europeu aprovou em Janeiro de 2012, recomendações para exigir que o Executivo europeu reveja a estratégia para o BRICS com o claro objetivo de obter a posição de maior parceiro econômico do bloco.

O eurodeputado Jacek Saryusz Wolski, preparou um mapeamento dos interesses europeus no BRICS. O documento deixa claro o reconhecimento dos europeus da mudança na geopolítica mundial, onde num futuro próximo os BRICS se tornarão os grandes responsáveis pelo contínuo crescimento da economia mundial.

Além da importância econômica, os BRIC desempenham atualmente importante postura no que diz respeito à Política Externa, contudo essa importância depende de seu crescimento econômico.

Desde 2009, o grupo realiza cimeiras regulares, onde procuram intervir a nível internacional. No encontro realizado em 2011, foi emitido uma declaração conjunta apelando a uma maior cooperação internacional, a um reforço da governação global e manifestando o seu apoio à diplomacia multilateral com as Nações Unidas e o G20. Os BRICS têm demonstrado também maior dinamismo, coordenando a sua posição em diversas ocasiões: abstiveram-se de votar a Resolução 1973 (2011) do Conselho de Segurança das Nações Unidas sobre a Líbia (a África do Sul ainda não era membro dos BRICS), adiaram a votação sobre o papel da UE na Assembléia Geral das Nações Unidas e procuraram posições comuns sobre a Costa do Marfim, o Sudão e a colocação de armas no espaço exterior. Assim, os BRICS parecem contestar o atual sistema de governação mundial e fica cada vez mais evidente que estes países estão conscientes de sua importância e força mundial, deste modo, a criação oficial deste bloco econômico fica cada vez mais iminente.

Gráficos e Tabelas

Tabela 3 – Brasil e seus produtos com maior IVCR.

	Produtos	Descrição	VCR
Brasil	281	Minério de Ferro	25,36
	222	Óleo de semente	18,13
	121	Tabaco não-manufaturado	18,02
	61	Açúcar, Melaço e Mel	17,73
	71	Café e substitutos	16,04
	59	Frutas e sucos	14,93
	671	Ferro Gusa	9,13
	81	Ração animal	8,63
	12	Outros tipos de carne e miúdos	8,08
		672	Lingotes, ferro e aço

Tabela 4 – Rússia e seus produtos com maior IVCR.

	Produtos	Descrição	VCR
Rússia	683	Níquel	12,02
	247	Madeira bruta	11,31
	343	Gás Natural	10,64
	672	Lingotes, ferro e aço	8,12
	562	Fertilizantes, exceto GRP 272	6,63
	274	Enxofre	6,47
	333	Petróleo cru	5,26
	272	Fertilizantes cru	4,65
	671	Ferro Gusa	4,36
		334	Produtos à base de Petróleo

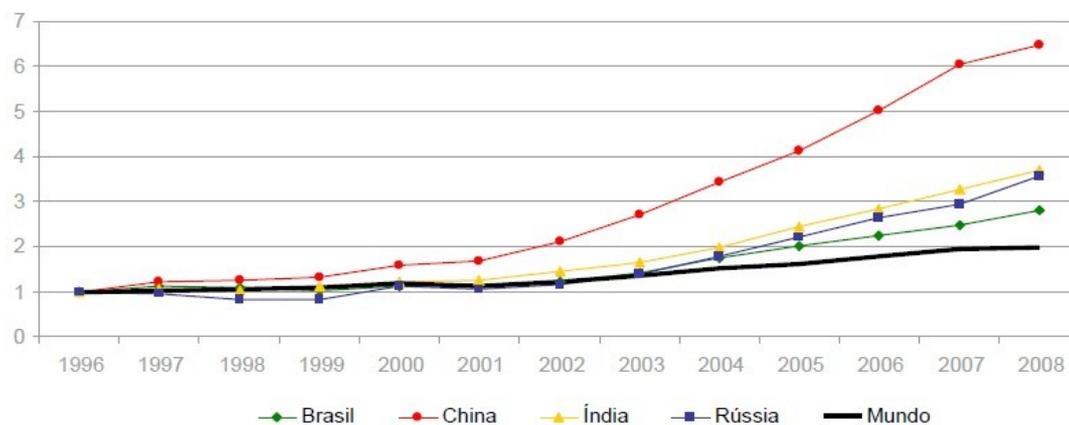
Tabela 5 – Índia e seus produtos com maior IVCR.

	Produtos	Descrição	VCR
Índia	345	Gás de carvão, Gás d'água	44,05
	42	Arroz	15,14
	667	Pérolas e pedras preciosas	14,23
	74	Chá e mate	13,11
	75	Especiarias	12,89
	281	Minério de ferro	10,43
	659	Coberturas de pisos	8,66
	897	Ouro e jóias	7,86
	273	Pedra, areia e cascalho	7,81
		658	Artigos têxteis

Tabela 6 – China e seus produtos com maior IVCR.

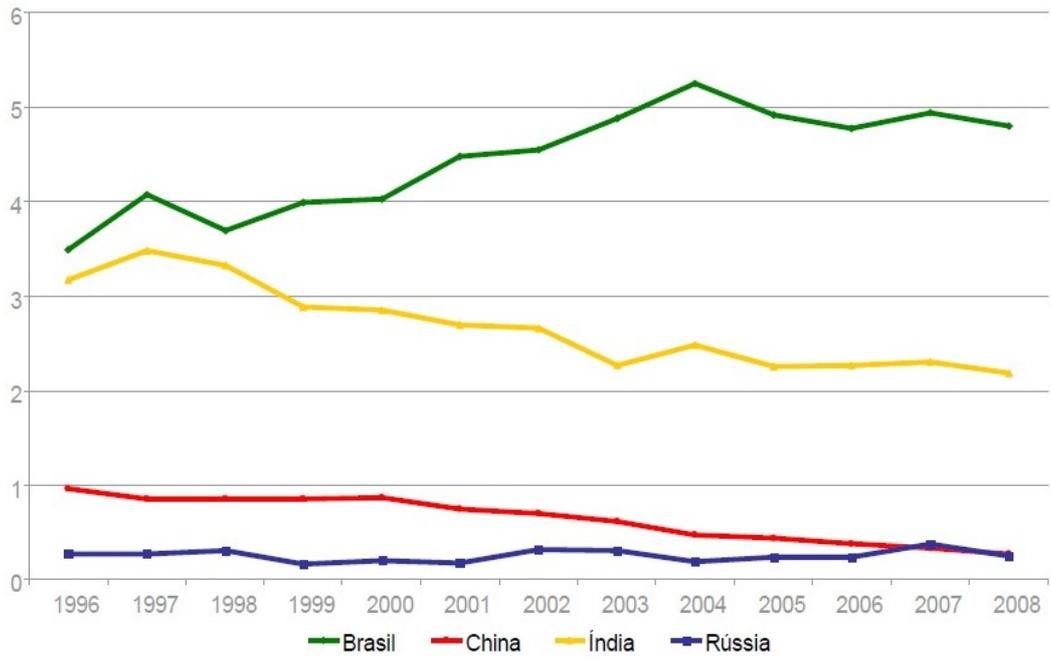
	Produtos	Descrição	VCR
China	261	Seda	11,49
	325	Coque, semi-coque	6,06
	666	Cerâmica	4,62
	831	Malas, bagagens, etc	4,43
	658	Artigos Têxteis	4,42
	843	Vestuário masculino	4,41
	871	Instrumentos Óticos	4,35
	894	Carrinhos de bebê, brinquedos e jogos	4,25
	844	Vestuário Feminino	4,18
		786	Trailers

Gráfico 2 – Evolução do valor exportado.



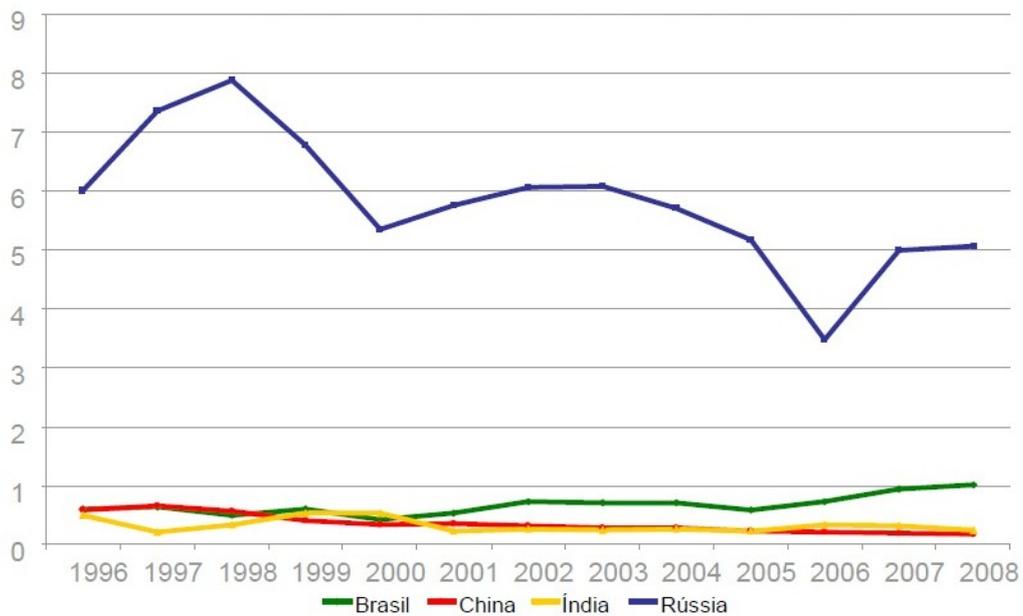
Fonte: UN Comtrade; elaboração própria

Gráfico 3 – Produtos Primários Agropecuários



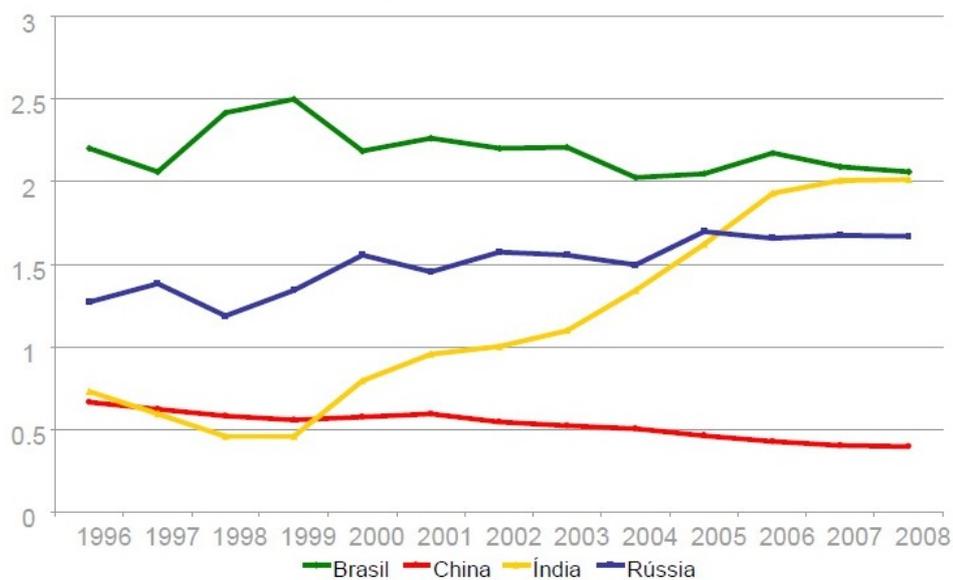
Fonte: *UN Comtrade*; elaboração própria

Gráfico 4 – Primários Minerais



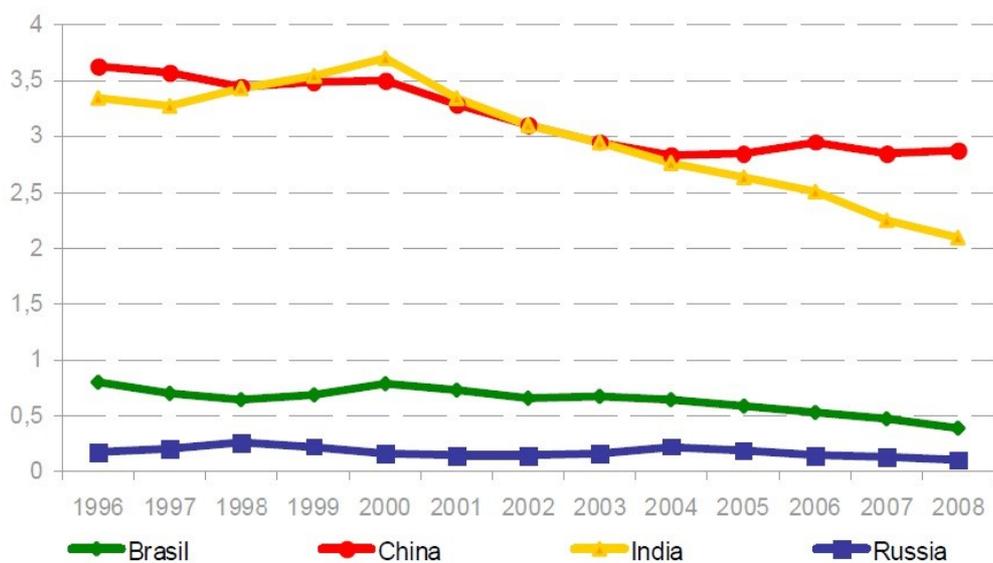
Fonte: *UN Comtrade*; elaboração própria

Gráfico 5 – Intensivos em Recursos Naturais



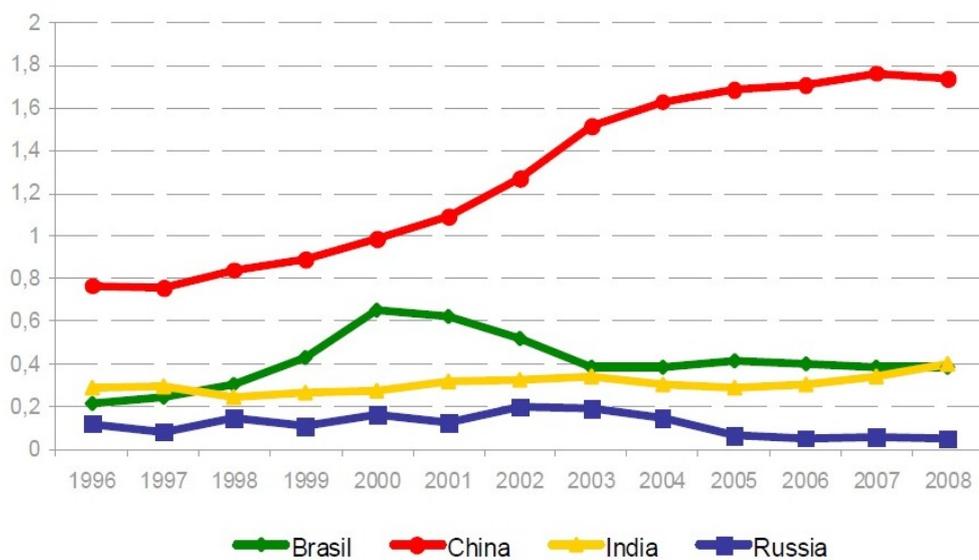
Fonte: *UN Comtrade*; elaboração própria

Gráfico 6 – Intensivos em Trabalho



Fonte: *UN Comtrade*; elaboração própria

Gráfico 7 – Intensivos em Tecnologia



Fonte: *UN Comtrade*; elaboração própria

Bibliografia

A grande oportunidade do Brasil está nas commodities, publicado em Agosto de 2012, disponível em: www.jornalopcao.com.br/colunas/economia-em-desequilibrio/a-grande-oportunidade-do-brasil-esta-nas-commodities , acessado em 21 de Set de 2012.

A política externa da UE relativa aos BRICS e outras potências emergentes: objetivos e estratégias (2011/2111(INI), publicado em Janeiro de 2012, disponível em: <http://www.europarl.europa.eu/sides/getDoc.do?type=REPORT&reference=A7-2012-0010&language=PT#title3> acessado em 20 de Set de 2012.

As Relações comerciais do Brasil com os demais BRICs – Araújo, Raquel; Baumann, Renato e Ferreira, Jhonatan; disponível em <http://www.eclac.org/publicaciones/xml/2/38552/LCBRSR221AsRelacoescomerciaisdoBrasilcosdemaisBRICs.pdf>, acessado em 29 de Set de 2012.

Balassa, B. (1965) , Trade liberalization and “Revealed” comparative advantage. Manchester School of Economic and Social Studies, Oxford, nº 33, 99-123.

Global Economics Paper No: 181 - Some Advice for the G20 ----disponível em [/www.goldmansachs.com/our-thinking/topics/public-policy/regulatory-reform/some-advice-for-g20.pdf](http://www.goldmansachs.com/our-thinking/topics/public-policy/regulatory-reform/some-advice-for-g20.pdf), acessado em 05 de Out de 2012.

Global Economics Paper No: 192 - The Long-Term Outlook for the BRICs and N-11 Post Crisis ----disponível em www.goldmansachs.com/our-thinking/topics/brics/brics-reports-pdfs/long-term-outlook.pdf acessado em 09 de Nov de 2012.

India's Rising Growth Potential, January 2007 -disponível em www.goldmansachs.com/our-thinking/topics/brics/brics-and-beyond-book-pdfs/brics-chap-1.pdf, acessado em 10 de Nov de 2012.

O potencial dos BRIC no Comércio Internacional, disponível em : www.ipea.gov.br , acessado em 28 de Set de 2012.

www12.senado.gov.br/noticias/entenda-o-assunto/bric , acessado em 28 de Nov de 2012.

www.amanha.com.br/home-internas/3036-sera-o-brasil-estavel-demais , acessado em 02 de Out de 2012.

www.brasil.melhores.com.br/2009/02/venda-de-carro-aumenta-92-em-janeiro.html
acessado em 10 de Out de 2012

www.estadao.com.br/noticias/impresso,ue-prepara-nova-politica-externa--para-o-brics-,828356,0.htm , acessado em 29 de Set de 2012.

www.exame.abril.com.br/negocios/empresas/noticias/bmw-quer-triplicar-vendas-no-brasil-com-fabrica-em-sc acessado em 06 de Dez de 2012.

www.imf.org acessado em 16 de Nov de 2012.

www.goldmansachs.com/our-thinking/topics/brics/brics-at-8/index.html , acessado em 08 de Nov de 2012.

<http://www.comtrade.un.org/>

<http://www.data.worldbank.org/>

Anexos

Foto 1 – Reuniao dos BRICS em 2011 realizado em Sanya, China



Da esquerda para a direita: O Primeiro-ministro indiano, Manmohan Singh; o Presidente russo, Dmitri Medvedev; o Presidente chinês, Hu Jintao; a Presidenta do Brasil Dilma Rousseff e o Presidente da África do Sul, Jacob Zuma.

Fonte: <http://totusatualidades.blogspot.pt/2011/04/deu-na-aula-do-totus-falando-dos-brics.html>

Foto 2 - 3ª Reunião de Cúpula do Bric – bloco que reúne o Brasil, a Rússia, a Índia e a China. A partir deste encontro, oficialmente, o grupo incluiu a África do Sul, passando a se chamar BRICS.



Dilma se reúne com o primeiro-ministro da China, Wen Jiabao (Foto: ©Roberto Stuckert Filho/PR)

Fonte: <http://www.redebrasilatual.com.br/temas/internacional/2011/04/dilma-visita-cidade-proibida-e-segue-para-reuniao-do-brics>

Foto 3 – A Presidente do Brasil Dilma Rousseff, Raimundo Colombo e Ian Robertson,



Dilma Rousseff recebe miniatura de carro durante encontro com Ian Robertson, vice-presidente da BMW. Ao fundo, o governador de Santa Catarina, Raimundo Colombo (Foto: Roberto Stuckert Filho/PR).

Foto 4 - Sebastian Briozzo no Seminário “Brasil de AMANHÃ”



O Diretor do grupo ratings soberanos da Standard & Poor's, *Sebastian Briozzo* em entrevista no seminário “Brasil de AMANHÃ”, que tratou das principais tendências econômicas para o país em 2012.

Foto 5 – As principais *Commodities agrícolas* brasileira exportadas.



Para o economista Everaldo Leite, o Brasil é competitivo, que obtém adequada produtividade e que possui vantagem comparativa bastante evidente na produção das *commodities*.